



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649189>

DOI: 10.20396/cel.v60i1.8649189

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2018 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Apresentação

O tema deste número dos *Cadernos de Estudos Linguísticos* volta-se à investigação, em abordagens gramaticais formais, de fenômenos relacionados às categorias de *tempo, aspecto e modo*, comumente referidas na literatura como categorias TAM (*Tense, Aspect and Mood*, em inglês). Está na agenda de pesquisa de abordagens formais uma busca pela explanação do que seriam os universais linguísticos. No tocante às categorias TAM, estudos em Sintaxe e Semântica formais têm buscado não só descrever o que seria comum à morfossintaxe (e, consequentemente, à semântica) das mais diferentes línguas, como também explicar as diferenças encontradas. No contexto das pesquisas em Sintaxe Gerativa, por exemplo, tem sido colocada sob criterioso escrutínio a questão da representação dessas categorias numa estrutura mais abstrata ou de base, comum (por hipótese) a todas as línguas (cf., dentre tantos outros, POLLOCK, 1989; CINQUE, 1999; NESPOLI, 2018). Estudos sobre tempo, aspecto e modalidade situam-se necessariamente na interface sintaxe-semântica. Para os estudos cartográficos – vertente da Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa –, que têm por objetivo principal não só determinar as categorias atômicas que fazem parte da *Narrow Syntax* como também ordená-las rigidamente em hierarquias (CINQUE; RIZZI, 2008), haveria uma relação de uniformidade entre os níveis de interface, no sentido em que, para cada categoria do sistema conceitual, haveria uma posição dedicada na estrutura, o que está na base do Princípio “Um traço, um núcleo”, de Kayne (2005). Ao associar, a cada operador “funcional”, uma posição dedicada na hierarquia sintática a cartografia estabelece – com base em evidências morfossintáticas de línguas das mais diversas famílias – que epistêmicos e certos deônticos são interpretados numa porção mais alta da estrutura da oração que outras classes de modais, como os modais de raiz (ver, dentre outros, Cinque, 1999).

Para a semântica formal, está bem estabelecido que todas as línguas expressam modalidade epistêmica, deôntica, bulética/desiderativa, teleológica etc. Além disso, uma mesma expressão modal pode expressar diversas modalidades: sua interpretação é influenciada pelo contexto (cf. LEWIS, 1973; KRATZER, 1981). Para Hacquard (2006), é possível conciliar uma análise unificada dos verbos auxiliares/modais com uma explicação motivada para a ordem relativa entre operadores de tempo, aspecto e modo na hierarquia. Há muita literatura dedicada às interações atestadas nas línguas naturais entre tempo e aspecto, e várias são as abordagens para modalidade, mas continua necessário explorar mais os domínios do verbo e de sua projeção estendida, não só do ponto de vista semântico como também do ponto de vista morfossintático. O interesse por esse campo de estudos rende promissoras

linhas de investigação sobre constituintes de natureza verbal – verbos lexicais, verbos leves, verbos modais, aspectuais, de movimento etc. (se pensarmos em línguas flexionais, como as românicas), partículas (em sistemas gramaticais emergentes como o haitiano, o cabo-verdiano, o guineense, o guianês etc.), morfemas aglutinantes (em línguas como o coreano, o turco etc.) – e advérbios – advérbios têm sido tratados como categorias funcionais que correspondem em número, tipo semântico e ordenação relativa às categorias funcionais da projeção estendida do verbo. O presente volume é bem representativo desse leque temático, e vem para se juntar a um conjunto de publicações sobre a sintaxe, a semântica e a aquisição das categorias TAM.

O artigo de Alessandro Boechat de Medeiros, “Eu acabei escrevendo o artigo – um estudo sobre a forma ‘acabar’”, analisa as formas que envolvem o verbo ‘acabar’, seguido de complemento oracional no gerúndio, como na frase ‘Eu acabei escrevendo o artigo’, com as ferramentas da morfologia distribuída. O autor analisa ‘acabar’ como um verbo de alçamento, cujos efeitos aspectuais não incidem diretamente sobre seu complemento no gerúndio. É proposto que uma categoria vazia, cuja referência é uma cadeia de eventos fornecida pelo contexto, forme uma *small-clause* com a oração no gerúndio. O verbo ‘acabar’ modifica exclusivamente a categoria vazia sujeito dessa *small-clause*, e o gerúndio fornece um intervalo de tempo que contém o ponto final da cadeia referida por essa categoria vazia, o que explica as propriedades semânticas da construção e suas propriedades sintáticas. Com isso, as restrições de tempo que influem na interpretação desse verbo aspectual – naquelas orações em que é seguido de gerúndio (ex. ‘Acabei escrevendo o artigo’) ou de CP (ex. ‘Acabou que eu escrevi o artigo’) – são explicadas a partir da proposta de um tratamento composicional para a forma ‘acabar’+gerúndio.

A representação sintática do aspecto *perfect* é trazida para o debate no artigo “A representação sintática do aspecto *perfect*: uma análise comparativa entre o português e o italiano”, de Juliana Barros Nespoli e Adriana Leitão Martins. O artigo não só discute como essa categoria aspectual seria representada estruturalmente (tendo em vista a sua realização em português e em italiano), i.e., não só identifica as posições ocupadas pelo *perfect* na hierarquia dos constituintes da projeção estendida do verbo – que, conforme argumentado por elas, não se resumiria (contra ALEXIADOU et al., 2003) a uma única projeção, mas a duas (uma de *perfect* existencial e uma outra de *perfect* universal) –, como também oferece uma interessante discussão epistemológica relativamente à posição do analista frente à diversidade dos dados da morfossintaxe, nas línguas, e a uniformidade da estrutura de representação.

O *perfect* é também tópico de debate no artigo “O pretérito perfecto em espanhol: entre a expressão do antepresente e outros valores”, de Leandro Silveira de Araujo. O autor investiga o ‘pretérito perfecto compuesto’ do espanhol (em construções do tipo de ‘He estudiado’), fundamentando sua análise em Reichenbach (2004), Rojo (1974, 1990), Rojo e Veiga (1999) e Comrie (1976), no intuito de descrever os usos associados a essa forma verbal, dentre eles o de “antepresente”. O autor conclui que a forma do “perfecto compuesto” é inerentemente polissêmica

em espanhol, com flutuação dos significados de concepção temporal, aspectual e pragmático.

A descrição dos modos de expressão, em Libras, do presente perfeito é o objeto de investigação do artigo “Uma descrição inicial do presente perfeito na Libras”, de Roberlei Alves Bertucci e Rossana Aparecida Finau. Com base num levantamento de um conjunto de sentenças produzidas por surdos, usuários de Libras, os autores concluem que as diferentes leituras do presente perfeito são dadas pelas formas do presente e do passado, condicionadas, dentre outros tantos fatores, pelo aspecto lexical e pelo contexto do momento de tópico.

A sintaxe das construções resultativas – caracterizadas por apresentarem uma semântica causativa com leitura de resultado – é discutida no artigo de Andrea Knöpfle, intitulado “Uma proposta de descrição estrutural para resultativas”. Knöpfle propõe a existência de um núcleo aspectual que licenciaria as resultativas, tomando como evidência a presença de uma partícula aspectual em alemão.

O artigo “Diminutivo do gerúndio: opções aspectuais da fala do guarapuavano”, de Mônica Metz, investiga os usos, por falantes da região de Guarapuava, Paraná, de formas verbais no diminutivo do gerúndio (como em ‘Ontem estava chovendinho aqui’ e ‘Eu estou passeandinho pelo centro da cidade’ – exemplos da autora). A hipótese discutida é a de que o uso do diminutivo do gerúndio configure uma opção “adicional”, segundo a autora, relativamente ao processo expresso pelo predicado.

Prescrutando sobretudo a relação entre as categorias de negação e tempo, o artigo “Sobre negação e tempo: um estudo de caso sobre o português brasileiro”, de Lílian Teixeira de Souza”, propõe que a negação sentencial em PB seja pré-verbal, tomando por escopo não o conteúdo proposicional, mas o evento. Em termos de representação na estrutura, NegP ocuparia, em PB, uma posição entre TP e AspP: o PB tem movimento curto do verbo, i.e., movimento para Asp, mas não para T, no espírito de Cyrino (2013), o que iria ao encontro dessa linha de análise sobre a relação entre Neg e T.

Núbia Ferreira Rech e Giuseppe Varaschin, autores do artigo “Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be”, investigam a natureza dos predicados estativos que seguem os modais deônticos em PB. O interesse do estudo é verificar quais propriedades do predicado sob o escopo do modal são cruciais à interpretação desses modais. Retomando Rech & Giachin (2014), os autores avançam a hipótese de que a interpretação do deôntico é em parte determinada pela sintaxe, uma vez que está na dependência das propriedades do predicado lexical.

Em “Decomposição de Eventos e Aquisição de Tempo e Aspecto no Português Brasileiro (PB)”, Teresa Cristina Wachowicz e Denise Miotto Mazocco discutem os resultados de uma investigação sobre a aquisição de aspecto lexical e de ponto de vista por crianças brasileiras. As predições das teorias mais aceitas, como a da primazia do aspecto lexical ou a da primazia do aspecto de ponto de vista, não se coadunam com a riqueza dos dados obtidos, levando as autoras a perguntarem se essas teorias não seriam insuficientes, e se a oposição (a)telicidade versus (im) perfectividade não seria muito simplista em termos de adequação explicativa.

Em “Restrições Aspectuais à Distribuição do Advérbio Baixo ‘Muito’”, Ana Paula Quadros Gomes elenca fatos sobre a distribuição desse advérbio, como sua inaceitabilidade em VPs *achievements* ou *accomplishments*. Para explicar os fatos, defende-se que ‘muito’ seleciona e produz apenas escalas abertas, sem grau máximo (cf. KENNEDY; MCNALLY, 2005), dentro do sistema aspectual; daí não poder figurar em sentenças télicas. As sentenças em que ‘muito’ não é natural dentro do VP são aquelas com VPs sem grau ou de escala fechada. Entre as escalas abertas que ‘muito’ pode modificar em VPs estão as aspectuais, como as de frequência e duração de eventualidades, e as lexicais/pragmáticas, como as fornecidas por verbos de emissão de substância (‘brilhar’), de *path* (‘afundar’) etc.

Last, but not least, o artigo “Um rascunho para a semântica de muito: explorando a Semântica de Delineação”, de Roberta Pires de Oliveira e Luisandro Mendes de Souza, dialoga com o artigo de Quadros Gomes, propondo uma análise para ‘muito’ (adverbial) que, em vez de adotar graus na ontologia, como fazem Kennedy & McNally (2005), opta pela teoria de delineação (KLEIN, 1980; BURNETT, 2014; 2015), estendendo-a ao domínio verbal. A semântica comum a ‘muito’, para Pires de Oliveira e Mendes de Souza, é “mais de um”. As diferentes interpretações (partitiva, escalar, de frequência, duração, intensidade, qualidade) são composicionalmente derivadas. Outras línguas contam com itens diferentes para expressar frequência e intensidade, ambas realizadas por ‘muito’, mas a leitura exclusivamente encontrada em português é a de qualidade, observam os autores.

A leitura paralela de artigos sobre o mesmo tópico é interessante justamente por permitir comparar teorias concorrentes, tratando praticamente do mesmo conjunto de dados. A inclusão dos dois artigos neste volume cria a oportunidade de um interessante debate teórico, possibilitando ao leitor medir o poder explanatório das duas abordagens, ambas na linha da semântica formal, bem como contrastar a elegância teórica de cada proposta. Em comum, os dois artigos propõem uma semântica única para ‘muito’, seja no domínio nominal, no adjetival ou no verbal.

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, aos editores da revista, que possibilitaram a publicação desse dossiê. Agradecemos aos colegas que, com seus artigos, contribuíram para que este espaço de debate (sobre as categorias TAM) fosse aqui aberto. Agradecemos também aos nossos estimados pareceristas que, decisivamente, contribuíram para a qualidade dos trabalhos aqui reunidos, lendo e relendo cada trabalho, instaurando um primeiro lugar de debate com os nossos autores. A eles devemos, sem sombra de dúvidas, a publicação desse volume. Não podemos nos esquecer de agradecer imensamente o apoio do “Setor de Publicações” do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, nomeadamente ao Nivaldo e ao Esmeraldo, que com tanta dedicação não só realizaram o trabalho de editoração dos textos como também responderam a cada um dos milhares de e-mails enviados por nós. O leitor da *Cadernos* é agora convidado a interagir com os nossos autores. Não temos dúvidas de que, pela qualidade dos textos, merecem não só a nossa leitura, como também a nossa mais atenta crítica.

Aquiles Tescari Neto (UNICAMP)
Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: _____. *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. v-xxxviii, 2003.
- BURNETT, H. A delineation solution to the puzzles of absolute adjectives. *Linguistics & Philosophy*, 37, p. 1-39, 2014.
- BURNETT, H. Comparison Across Domains in Delineation Semantics. *Journal of Logic, Language and Information*. 24, pp. 233-265, 2015.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, G; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. *CISCL Working Papers on Language and Cognition*, v. 2, p. 43-59, 2008.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. New York: Cambridge University Press, 1976.
- CYRINO, S. M. L. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In.: CAMACHO-TABOADA, V.; JIMÉNEZ FERNÁNDES, A.; MARTÍNS-GONZÁLEZ, J.; REYES-TEREDOR, M. (Eds.) *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, p. 297-317, 2013.
- HACQUARD, V. *Aspects of modality*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 2006.
- KAYNE, R.S. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.
- KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and philosophy*, v. 4, n. 1, p. 1-45, 1980.
- KRATZER, A. The Notional Category of Modality. *Words, Worlds, and Contexts: New Approaches in Word Semantics*, v. 6, p. 38, 1981.
- LEWIS, D. Counterfactuals and comparative possibility. In: *Ifs*. Springer, Dordrecht, p. 57-85, 1973.
- NESPOLI, J. B. *A representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, 2018.
- POLLOCK, J.-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.
- RECH, N.S.F.; GIACHIN, A. As interpretações disponíveis para os modais pode e deve em construções com predicados adjetivais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 8, p. 21-49, 2014.

REICHENBACH, H. The tenses of verbs. In: STEVEN, D.; GILLON, B. S. (Eds.). *Semantics: a reader*. New York: Oxford University Press, p. 526-533, 2004.

ROJO, G. La temporalidad verbal en español. *Verba: Anuário Gallego de Filología*, v. 1, p. 69-149, 1974.

ROJO, G. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, I. (Org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra, p. 17-43, 1990.

ROJO, G; VEIGA, A. El tiempo verbal: los tiempos simples. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2 v., p. 2867-2934, 1999.